

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA *CAMPUS FLORESTAL***  
**LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**LUCIANO BERNARDES LEITE**

**PERCEPÇÃO DOS PAIS EM RELAÇÃO AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
PRATICADAS PELOS SEUS FILHOS**

**FLORESTAL – MINAS GERAIS**

**2017**

**LUCIANO BERNARDES LEITE**

**PERCEPÇÃO DOS PAIS EM RELAÇÃO AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
PRATICADAS PELOS SEUS FILHOS**

Monografia, apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Física, da Universidade Federal de Viçosa, como requisito para a obtenção do título de licenciatura em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Guilherme Azambuja Pussieldi

**FLORESTAL – MINAS GERAIS**

**2017**

## 1 INTRODUÇÃO

As aulas de Educação Física estão despertando o interesse de muitos pesquisadores, como Brandolin (2010), Paula; Silva; Kocian (2011), Melo (2013). Pelo fato da notória desmotivação da participação dos alunos nas aulas de diversas escolas. Historicamente, a Educação Física foi implantada no Brasil com uma visão higienista, porém atualmente, ela vem sendo desenvolvida com uma visão esportivista/tecnicista, onde se prioriza o aprimoramento da aptidão física tal como a maximização e difusão do esporte na escola (COUTINHO, 2009 apud FONSECA, *et al.*, 2011). Por mais que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) permitam o seu desenvolvimento por meio da cultura, expressão e movimentos corporais, não necessariamente por meio do esporte (BRASIL, 2000).

Atualmente coexistem várias abordagens do ensino de EF com a intenção de romper com o modelo esportivista. Embora contenham enfoques diferenciados entre si, com pontos por vezes divergentes, muitas dessas abordagens têm em comum a busca de uma EF que articule as múltiplas dimensões do ser humano, cuja ideia ultrapasse a visão de que o corpo se restringe ao biológico, ao mensurável (ALMEIDA *et al.*, 2008).

A síntese desse processo é uma tensão entre teoria e prática, na qual a teoria parece não modificar a realidade da EF e a realidade parece não aceitar a teoria. Os professores, diante disso, são autores e vítimas desse processo e apresentam dificuldades de encontrar um rumo para o desenvolvimento da EF como componente curricular do EM (MOREIRA, 2010). Outra grande preocupação da Educação Física Escolar é o profissional, pois algumas vezes o próprio professor de Educação Física não consegue despertar o interesse dos alunos por diversos motivos diferentes. Mas não é somente a metodologia dos professores que são apresentados como fator desmotivante aos alunos, mas também como afirma Marzinek; Neto (2005), a falta de materiais, infraestrutura inadequada, além dos problemas sociais e familiares, pode desencadear essa falta de interesse pelas aulas.

Dessa forma, temos como consequência uma progressiva evasão dos adolescentes das aulas de Educação Física. Esta pesquisa tem o intuito de analisar a Educação Física no Ensino Médio, através da visão dos pais avaliando os possíveis fatores que levam a desmotivação dos alunos na participação das aulas.

## **1.1 OBJETIVOS**

### **1.1.1 Objetivo Geral**

Analisar a satisfação percebida pelos pais dos alunos do Ensino Médio para com as aulas de Educação Física praticadas pelos seus filhos

### **1.1.2 Objetivos Específicos**

- ✓ Verificar o gosto dos filhos pelas aulas de Educação Física.
- ✓ Verificar os motivos da prática de Educação Física nas aulas.
- ✓ Verificar o que necessita melhorar na Educação Física.
- ✓ Diagnosticar os motivos pela não participação dos filhos nas aulas de Educação Física.

## **2 REVISÃO DE LITERATURA**

### **2.1 Educação Física Escolar**

A Educação Física Escolar (EFE) é componente curricular obrigatório da Educação Básica, estando presente desde as séries iniciais, até o final do ensino médio, integrada à proposta pedagógica da escola, conforme a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), no capítulo II, Art. 26º § 3º (BRASIL, 1996).

Dentro desta ótica, a EFE tem um papel importante na vida dos alunos, desde a infância até adolescência, imbuindo ao professor, o papel de formador, de um aluno apto para exercer a cidadania. Para isso, o professor deve realizar um planejamento adequado, a fim de proporcionar o melhor para a formação integral, através da cultura corporal (OLIVEIRA; MARTINS; BRACHT, 2015; LIMA, 2013).

De acordo com a Lazzoli et al. (1998) o objetivo principal da prescrição de atividade física na criança e no adolescente é, “criar o hábito e o interesse pela atividade física, e não treinar visando desempenho”. A inclusão da atividade física no cotidiano, deve ser priorizada, valorizando a EFE que não discrimina ou exclui os alunos menos aptos, a fim de educar para a adoção de um estilo de vida ativo, que possa perdurar por toda a vida (LAZZOLI et al., 1998; NAHAS, 2013).

Conforme citado nos tópicos de Atividade Física e Qualidade de Vida, a EFE é a disciplina escolar mais favorável para a orientação acerca da saúde. Sendo assim, uma intervenção bem delineada, e aplicada para a realidade vivida pelos alunos, é possível reverter a incidência de inatividade física e diminuir os hábitos sedentários, proporcionando ao aluno, uma melhora na Qualidade de Vida (LIMA, 2013; NAHAS, 2013; GUIMARÃES et al., 2015; OLIVEIRA; MARTINS; BRACHT, 2015).

### **2.2 Motivação**

A motivação pode ser definida, como um conjunto de fatores, que determinam o comportamento do indivíduo em direção a uma determinada meta, o qual depende da interação de fatores pessoais (intrínsecos) e ambientais (extrínsecos) (SAMULSKI, 2009). Em 2013 Thompson et al. explanaram que a motivação pode ser definida como a forma do indivíduo agir.

A motivação referente à atividade física e ao esporte tem sido objetivo de estudo, da parte da literatura produzida na área da Psicologia do Esporte (DECI; RYAN, 2000; SAMULSKI; VILANI, 2002; ALCHIERI; GONÇALVES, 2010; PIEK et al., 2013; SINCLAIR; STELLINO, 2013; THOMPSON et al., 2013). Os estudos sobre os efeitos psicológicos induzidos pelo exercício, tem se dado, na medida em que a saúde deixou de ser considerada, uma condição meramente física e passou a ser concebida como uma interação de aspectos físicos, psicológicos e sociais, na qual a saúde mental é crucial para o bem-estar geral dos indivíduos (COELHO et al., 2010; NAVARRO; WERNECK, 2011). Há evidências científica, que a prática regular de atividade física, pode ser apresentada como um método eficaz na prevenção de diversas doenças (PARDINI et al., 2001; HALLAL et al., 2006; PALMA et al., 2007; GLANER, 2013). Somado a estes fatores, em uma menor proporção, os benefícios psicológicos do exercício físico também aparecem com devida importância, por esse motivo, as pesquisas nessa área precisam ser fomentadas e intensificadas.

É evidente os benefícios da prática regular de atividade física na adolescência, porém constantemente percebemos a falta de motivação dos estudantes em participarem das aulas de educação física na escola. Alchieri e Gonçalves (2010) assim como Thompson, et al. (2013), mencionaram a existência de inúmeras teorias que visam avaliar a motivação do indivíduo para a prática de atividades físicas. A teoria da autodeterminação (DECI; RYAN, 2000) está sendo amplamente utilizada, para verificar a motivação ao longo da vida, visto que esta teoria, em um único arcabouço teórico, fornece elementos referentes à motivação no contexto pessoal, social e ambiental.

Em 2011, Alchieri e Gonçalves, explanaram que essa teoria, analisa o nível em que as condutas humanas são volitivas ou autodeterminadas, isto é, o quanto as pessoas realizam suas ações em um nível maior de reflexão e se comprometem com essas ações de forma voluntária, por sua própria vontade. Neste contexto, de acordo com Samulski (2009) o indivíduo pode ser motivado intrínseca ou extrinsecamente, para tentar satisfazer suas necessidades.

Thompson, et al.(2013) explanaram que a teoria da autodeterminação é composta pela motivação intrínseca e extrínseca. De acordo com estes autores, a motivação intrínseca é baseada no interesse próprio do indivíduo de ser ativo, em vez de se envolver em um resultado separado e é considerada a forma mais autônoma de motivação, podendo ser dividida em:

Motivação para conhecer: a participação do indivíduo em uma atividade é impulsionada pelo prazer e satisfação da experiência enquanto aprende, explora, ou tenta entender algo novo.

Motivação para realização: realização da atividade pelo prazer e satisfação experimentada quando esforça-se para aperfeiçoar, realizar ou criar algo.

Motivação para estimular a experiência: quando alguém realiza uma atividade, para estimular a sensação da experiência (prazer sensorial, experiências de apreciação da beleza e estar bem feliz).

Já, a motivação extrínseca possui uma ampla relação sobre as consequências não inerentes à atividade (THOMPSON, et al., 2013). A motivação extrínseca pode ser dividida em:

Motivação integrada - onde a atividade física reflete os valores de um indivíduo.

Motivação identificada - valoriza-se pessoalmente os benefícios de ser um indivíduo ativo.

Regulação introjetada - a participação do indivíduo em uma determinada atividade física é impulsionada por pressões internas, a fim de evitar a culpa ou vergonha e aumentar ou proteger o ego.

Regulação externa - ser ativo para obter recompensas baseadas no desempenho, em conformidade com as demandas/expectativas ou evitar a punições

## **2.5 Motivação nas Aulas de Educação Física Escolar**

Como vimos anteriormente a motivação e a educação física escolar tem muita relação entre si, por isso vários estudos já foram realizados, alguns mostram a baixa motivação e outros uma elevada motivação dos alunos levando em consideração a pratica de atividade física nas aulas escola.

KOBAL (1996) revelou que, analisando-se as tendências do motivo de realização destes alunos, foi encontrada uma maior expectativa de sucesso nos meninos, enquanto as meninas demonstraram maior medo de fracasso. Não foi observada relação entre as tendências motivacionais intrínseca e extrínseca e o motivo de realização. Ambas as metodologias utilizadas demonstraram que, de modo geral, os alunos gostam das aulas de Educação Física. Nota-se uma dificuldade no estabelecimento dos limites entre motivação intrínseca e extrínseca, pois o mesmo indivíduo mostra-se motivado intrinsecamente, em alguns momentos, e, em outros, extrinsecamente. O referencial teórico e as discussões dos resultados da pesquisa de campo enfatizam a importância do predomínio e desenvolvimento da motivação intrínseca para a formação do indivíduo nas aulas de Educação Física.

Já TRESKA (2000) investiga, através de comparação entre grupos, se há predominância motivacional intrínseca e extrínseca quando se inclui a dança em aulas de Educação Física escolar, verificando quantitativamente se existem diferenças significativas entre os níveis de motivação intrínseca e extrínseca, e analisando qualitativamente as razões

apontadas pelos alunos para gostar ou não das suas aulas. Para isso, foi utilizada, como instrumento, uma escala de motivos intrínsecos e extrínsecos elaborada por KOBAL (1996), verificando-se os seguintes resultados: na análise quantitativa não houve diferenças significantes entre os níveis de motivação intrínseca e extrínseca dos alunos praticantes e não praticantes de dança. Na análise qualitativa, os alunos praticantes de dança apresentaram tendência de estado de ânimo mais positivo, maior presença do componente lúdico, sociabilidade e auto-afirmação.

SCHWARTZ (1998) constatou em seu estudo que existiram alterações quanto à motivação para a prática: pôde-se perceber aumento da motivação, mas foi evidenciada uma ligação deste parâmetro com o estado de espírito com que se vinha para a aula, ou com o conteúdo a ser desenvolvido. Em relação à disposição para a prática, um fator de possível relevância talvez tenha sido a presença de platéia, ou pessoas assistindo, o que parece ser elemento inibidor da motivação para alguns, no caso das atividades expressivas. Também foi observado que todos conseguiam executar as tarefas respeitando seu estilo próprio, o que eleva sensivelmente os níveis motivacionais, tendo apenas contraposição com a timidez para o início da execução.

A timidez no início da execução faz o estudante perceber, de modo consciente, que o momento escolar que está experienciando, que lhe proporciona uma aprendizagem discordante de suas necessidades e motivações. O estudante passará então a sentir-se ameaçado, bloqueado no seu desempenho e na sua participação. Este tipo de experiência favorece o surgimento de comportamentos incongruentes, isto é, estabelecer-se-á uma falta de comunicação do estudante consigo mesmo, com o seu “EU”, e os conhecimentos que foram “impostos” causarão um desacordo interno favorável à frustração, à timidez e à angústia. (BRITO, 1986)

WINTERSTEIN (1992) procurou abordar os processos de motivação com ênfase no motivo de realização. O importante é que neste processo não se está buscando maximizar o rendimento do jovem aluno, mas sim fazer com que ele consiga vivenciar, de maneira mais consciente e não traumatizante, as situações de competição e rendimento. Winterstein propõe, então, algumas reflexões acerca do tema da motivação: ele considera necessário existir um clima adequado entre professores e alunos; para isso, afirma que não se pode alterar um procedimento didático de uma hora para outra, pois é necessário que os indivíduos envolvidos no processo reconheçam a necessidade e a viabilidade das mudanças. Outra questão levantada é a necessidade de oferecer um espectro de tarefas que vão desde as mais fáceis, realizáveis pelos alunos menos aptos, até aquelas que sejam tão difíceis que os alunos mais aptos não as



consigam realizar. Isso possibilita aos alunos menos aptos terem momentos de efetivo sucesso e motivação elevada.

BETTI (1992) investigou se o aluno estava motivado para as aulas de Educação Física e quais seriam os fatores que interfeririam para o alcance da motivação. Cinquenta e oito alunos, de ambos os sexos, foram os participantes dessa pesquisa, todos alunos de 5ª a 8ª séries do ensino fundamental e de 1ª série do ensino médio, oriundos de quatro escolas públicas e quatro escolas particulares da cidade de Rio Claro, interior do estado de São Paulo. Constatou-se que os colegas, o professor, o conteúdo e a infra-estrutura escolar são os fatores principais para que os alunos possam sentir motivação nas aulas de Educação Física.

CHICATI (2000) verificou que as aulas de Educação Física não estão sendo tão motivadoras no ensino médio, pois os alunos vêm tendo sempre os mesmos conteúdos desde o ensino fundamental, sendo o desporto o mais ministrado. A metodologia mais freqüente tem sido o comando e o ensino aberto, apesar de a maioria dos alunos alegarem que fazem o que querem nas aulas. A avaliação é feita através da presença e da aula teórico/prática. Os alunos demonstraram possuir um forte interesse pelas aulas, porém os que não se interessam alegaram ser a própria aula um fator de desinteresse, além da falta de melhores locais e materiais. Concluiu, assim, que não é muito evidente a motivação dos alunos nas aulas de Educação Física no ensino médio.

LOVISOLO (1995, p.55) mostrou que a disciplina de Educação Física é a de que os alunos mais gostam (sentem-se motivados), aparecendo em primeiro lugar dentre as dez disciplinas. Entretanto, aparece em sétimo lugar quanto à sua importância. (as mais importantes são Matemática e Português, seguidas de Ciências).

Já MARTINS JUNIOR (1990) realizou um estudo com jovens das terceiras séries do ensino médio, evidenciando a preocupação, já explicitada por COSTA (1987), de que os alunos encontravam-se desmotivados para a prática da Educação Física, e termina por questionar os rumos futuros desta disciplina em relação à formação do aluno para atuar na comunidade como agente dos conteúdos aprendidos na escola. Nesses estudos, foi constatado que os alunos careciam de motivação para a prática, e que os conteúdos ministrados nas suas escolas pareciam não os levar a uma prática esportiva mais efetiva, tanto na sua escola como na comunidade, em horários diferentes daqueles das aulas de Educação Física. Segundo estes trabalhos, o professor também estava desmotivado para ministrar as aulas.

### **3 MATERIAL E MÉTODOS**

#### 3.1 Amostra

Participaram deste estudo os pais dos alunos matriculados na CEDAF.

#### 3.2 Delineamento do estudo

Este estudo caracteriza-se por uma pesquisa descritiva de cunho qualitativo, com dados existentes, extraídos de uma amostra não probabilística atípica, escolhida pelo autor a partir do problema de pesquisa, condições temporais, técnicas e de acesso às instituições educacionais para desenvolvimento e conclusão do mesmo (THOMAS e NELSON, 2002; DIONNE e LAVILLE, 1999).

#### 3.3 Cuidados Éticos

Antes da execução do estudo o mesmo será apresentado ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Viçosa, para apreciação e aprovação. Após a aprovação pelo Comitê de Ética, será remetido aos pais ou responsáveis pelos alunos avaliados um termo de consentimento livre e esclarecido contendo a explicação sobre todos os termos e procedimentos da pesquisa. Todos os procedimentos que serão realizados atenderam as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de pesquisas Envolvendo Seres Humanos (Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde).

#### 3.4 Procedimentos

A coleta de dados será realizada por meio da utilização da técnica de entrevista individual semi-estruturada. Este tipo de entrevista consiste, segundo Laville e Dionne (1999, p.188) em perguntas abertas, feitas verbalmente, seguindo um roteiro organizado pelo investigador, sendo possível acrescentar perguntas esclarecedoras ou reformulá-las para atender às necessidades do entrevistado. Às vezes é necessário mudar a ordem das perguntas em razão de respostas já obtidas. Outras vezes, é necessário acrescentar perguntas quando se quer um aprofundamento das respostas. Uma das grandes vantagens da entrevista semi-estruturada, segundo Casey (apud Santos, 1998, p. 42) é a sua adaptabilidade, já que o entrevistador pode guiar o curso da entrevista, alcançando os objetivos da pesquisa e obtendo informações adicionais com maior clareza nos dados coletados.



## 5 REFERÊNCIAS

ALCHIERI, J.C.; GONÇALVES, M.P. Motivação à prática de atividades físicas: um estudo com praticantes não-atletas. *Psicologia-USF*. v. 15, n. 1, p. 125-134, 2010.

ALCHIERI, J.C.; GONÇALVES, M.P. Motivação à prática de atividades físicas: um estudo com praticantes não-atletas. *Psicologia-USF*. v. 15, n. 1, p. 125-134, 2010.

ALMEIDA, B. da S. V. et al. **Dificuldades encontradas na Educação Física escolar que influenciam na não-participação dos alunos:** reflexões e sugestões. 2008. 16 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-Graduação Lato Sensu em Educação Física Escolar) - Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2008.

BETTI, I.C.R. O prazer em aulas de Educação Física Escolar: a perspectiva discente. Dissertação (Mestrado em Educação Física). UNICAMP, Campinas, 1992.

BRANDOLIN, F. **A percepção dos alunos sobre a Educação Física no Ensino Médio.** 2010. 91f. Dissertação (Mestrado)-Universidade federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2010.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: . Acesso em 15 jan. 2017.

BRITTO, S.P. Psicologia da aprendizagem centrada no estudante. 2.ed. Campinas: Papirus, 1986.

CHICATI, K.C. Motivação nas aulas de educação física no ensino médio. *Revista da Educação Física/UEM*. Maringá, v.11, n.1, p.97-105, 2000.

COELHO, E.F.; WERNECK, F.Z.; BARA FILHO, M.G.; RIBEIRO, L.C.S. Efeito agudo do tipo e da intensidade do exercício sobre os estados de humor. *Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde*. v.15, n.4, p.211-217, 2010.

**Coleção Pesquisa em Educação Física** - v.10, n.6, p. 33-40, 2011.

CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA DO ESPORTE, Maringá, 2005.

COSTA, L. Pereira da. Afinal, o que faremos com a educação física? In: FARIA JÚNIOR, A. G. Fundamentos Pedagógicos, Educação Física. São Paulo, v. 2, 1987.

DECI, E.L., RYAN, R.M. The "what" and "why" of goal pursuits: human needs and the self-determination of behavior. *Psychological Inquiry*. v.11, n.4, p. 227–268, 2000.

DECI, E.L., RYAN, R.M. The "what" and "why" of goal pursuits: human needs and the self-determination of behavior. *Psychological Inquiry*. v.11, n.4, p. 227–268, 2000.

GLANER, M.F. Questionários indicam um baixo efeito global do nível de atividade física e do controle do estresse sobre o perfil lipídico de homens. *Revista Brasileira Cineantropometria Desempenho Humano*. v.15, n. 3, p. 628-637, 2013.

GUIMARÃES, R. F. et al. Efetividade de programas de intervenção escolar para reduzir fatores de risco à saúde em adolescentes: uma revisão sistemática. *Rev. Bras. Cineantropom.*

- Desempenho Hum., [s.l.], v. 17, n. 4, p.485-495, 8 jul. 2015. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/1980-0037.2015v17n4p485>.
- HALLAL, P.C.; BERTOLDI, A.D.; GONÇALVES, H.; VICTORA, C.G. Prevalência de sedentarismo e fatores associados em adolescentes de 10-12 anos de idade. *Caderno da Saúde Pública*. v.22, n.6, p.1277-1287, 2006.
- KOBAL, M.C. Motivação intrínseca e extrínseca nas aulas de educação física. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Campinas, UNICAMP, 1996.
- LAZZOLI, J. K. et al. Atividade física e saúde na infância e adolescência. *Rev. Bras. de Med. e Esp.*, Curitiba, v. 4, n. 4, p.107-109, ago. 1998.
- LIMA, J. G. O. A importância da Educação Física na prevenção da obesidade em crianças e adolescentes. Monografia (Graduação) – Faculdade de Ciência da Educação e saúde Centro Universitário de Brasília, 2013.
- LOVISOLO, H. Educação física: A arte de mediação. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.
- MARTINS JUNIOR, J. O papel do professor de Educação Física como motivador da prática desportiva permanente da comunidade. *Revista O Professor*, Universidade Estadual de Maringá, n.1 (3ª série), p.47-55, 1990.
- MARTINS, A.E.B.L et al.. Qualidade de vida entre adolescentes: estudo seccional empregando o SF-12. *Ciênc. & Saúde Col.*, v.18, n. 7, p. 2007-2015, 2013.
- MARZINEK, A.; NETO, A.F. A motivação de adolescentes nas aulas de educação física. In: **Anais do II**
- MELO, R.F. **A evasão escolar nas aulas de educação física no ensino médio**. 2013. 21f. Monografia–Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília, Brasília. 2013.
- MOREIRA, W.; SIMOES, R.; MARTINS, I. C. **Aulas de Educação Física no Ensino Médio**. Coleção Papyrus Educação, Campinas, SP: Editora Papyrus, 2010.
- NAHAS, M. V. Atividade física, saúde e qualidade de vida: conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo. 6ª ed. Londrina: Midiograf, 2013. 335 p.
- NAVARRO, C.A., WERNECK, F.Z. Nível de atividade física e estado de humor em adolescentes. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. v. 27, n.2, p.189-193, 2011.
- OLIVEIRA, V. J. M.; MARTINS, I. R.; BRACHT, V.. Projetos e práticas em educação para a saúde na educação física escolar: possibilidades!. *Rev. Educ. Fis. UEM*, Maringá, v. 26, n. 2, p. 243-255, jun. 2015. Disponível em: . Acesso em: 15 jan. 2017. <http://dx.doi.org/10.4025/reveducfis.v26i2.25600>.
- PALMA, A.; RESENDE, H.G.; ALVES, M.P.; MONTEIRO, W.D.; JUNGER, W.L. Motivos que Justificam a Adesão de Adolescentes à Prática da Natação: qual o Espaço ocupado pela Saúde? *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*. v. 13, n.6, p. 421- 426, 2007.
- PARDINI, R.; MATSUDO, S.; ARAÚJO, T.; MATSUDO, V.; ANDRADE, E.; BRAGGION, G.; ANDRADE, D.; OLIVEIRA, L.; JR, A.F. E RASO, V. Valida o do Questionário Internacional de Nível de Atividade Física (IPAQ - versão 6): Estudo Piloto em

Adultos Jovens Brasileiros. Revista Brasileira da Ciência e Movimento. v. 9 n. 3 p.45-51, 2001.

PAULA, T.; SILVA, J.; KOCIAN, R.C. A participação nas aulas de educação física escolar de ensino médio.

PIEK, J.P.; PANNEKOEK, L.; HAGGER, M.S. Motivaton for physical activity in children: A moving matter in need for study. Human Movement Science. p. 1-19, 2013.

SAMULSKI, D. Psicologia do esporte: conceitos e novas perspectivas. Manole. 2ªEdição, 2009.

SAMULSKI, D.M.; VILANI, L.H.P. Família e esporte: uma revisão sobre a influência dos pais na carreira esportiva de crianças e adolescentes. Temas atuais VII. p. 9-26, 2002.

SCHWARTZ, G. M. As atividades expressivas no contexto da educação física: Parâmetros motivacionais e de aderência. Revista mineira de educação física, Viçosa, n.6 (1):35-41, 1998.

SINCLAIR, C.D.; STELLINO, M.B. Psychological predictors of children's recess physical activity motivation and behavior. Research Quarterly for Exercise and Sport. v.84, p. 167-176, 2013.

THOMPSON, J.L.; FOX, K.R.; EDWARDS, M.J.; JAGO, R.; SEBIRE, S. J. Testing a self-determination theory model of children's physical activity motivation: a cross-sectional study. International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity. v.10, n.111, p.1-9, 2013.

TRESCA, R. P. Estudo comparativo da motivação intrínseca em escolares praticantes e não praticantes de dança. Revista Brasileira de Ciência e Movimento. Brasília, 8(1): p.9-13, jan. 2000.

WINTERSTEIN P.J. Motivação, educação física e esporte. Revista Paulista de Educação Física. São Paulo, 6(1):53-61, jan/jun.1992.